



atempo

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS



Arte e linguagens contemporâneas

Marcos Rizolli

Norberto Stori

Regina Lara



São Paulo
2017

Expediente

Artista Homenageado:
Wilton Azevedo

Organizadores:
Marcos Rizolli
Norberto Stori
Regina Lara

Curadoria Executiva:
Alexandre Sônego

Curadoria Artística:
Aurelice Vasconcelos
Carolina Vigna
Dângela Nunes Abiorama

Curadoria Artística da obra de Wilton Azevedo:
Rita Varlesi

Editora:
Uva Limão - uvalimao.com.br
Supervisão de textos: **Marcos Rizolli**
Projeto gráfico: **Carolina Vigna**
Ebook disponível em:
<http://uvalimao.com.br/publicacoes/arte-e-linguagens-contemporaneas/>

R6272 RIZOLLI, Marcos; STORI, Norberto; LARA, Regina. (Orgs.).
Arte e linguagens contemporâneas. São Paulo: Uva Limão,
2017. 132 p.; il.; 14x21cm. [ebook]

ISBN 978-85-93072-08-6

I. Artes plásticas;
I. Arte contemporânea; II. Linguagens; III. Grupo de
pesquisa.

CDU - 73

Artistas convidados

Angelo Dimitre

Aurelice Vasconcelos

Beatriz Albuquerque

Carlos Negrini

Carolina Vigna

Claudio Imamura

Dângela Abiorana

Diogo Rodrigues

Egidio Shizuo Toda

Fátima Lourenço

Ilana Bessler

José Marcos Carvalho

Lila Nemirovsky

Lúcia Castanho

Marcelo Kammer

Marcos Rizolli

Maria Lúcia Wochler Pelaes

Mariana Hossein Fontes

Marilu Queiroz

Norberto Stori

Regina Lara

Rita Varlesi

Rogério Pereira

Simone Mina

Teresa Almeida

Thais Amaral

Wilton Azevedo

Sumário

Artes bidimensionais: ideias e diálogos (Norberto Stori)	7
Objetos não procurados, mas encontrados... (Regina Lara)	9
Luz, Câmera... Imaginação! (Marcos Rizolli)	11
Angelo Dimitre	15
Aurelice Vasconcelos	19
Beatriz Albuquerque	23
Carlos Negrini	27
Carolina Vigna	31
Claudio Imamura	35
Dângela Abiorana	39
Diogo Rodrigues	43
Egidio Shizuo Toda	47
Fátima Lourenço	51
Ilana Bessler	55
José Marcos Carvalho	59

Lila Nemirovsky	63
Lúcia Castanho	67
Marcelo Kammer	71
Marcos Rizolli	75
Maria Lúcia Wochler Pelaes	79
Mariana Hossein Fontes	83
Marilu Queiroz	87
Norberto Stori	91
Regina Lara	95
Rita Varlesi	99
Rogério Pereira	103
Simone Mina	107
Teresa Almeida	111
Thais Amaral	115
Wilton Azevedo	119
Pós-escrito (Alexandre Sônego)	125

Artes bidimensionais: ideias e diálogos

As produções criativas em artes visuais, geralmente são elaboradas em campos bidimensionais ou tridimensionais conforme as mais variadas linguagens artísticas. As representações artísticas bidimensionais são as elaboradas sobre superfícies planas, como: desenho; pintura; gravura; fotografia; colagem; assemblage; bordado; frotage; baixo e alto relevo que, em suas unidades estruturais costumam incluir linha, forma, cor, manchas, cores, movimento, textura, proporção, espaço, fundo e figura, criando ritmo, movimento, equilíbrio, tensão e harmonia. As tensões conflituosas ou harmônicas presentes na representação gráfica ou pictórica no campo bidimensional, a organização imaginária que o artista dá a um conjunto dos elementos citados colocados na superfície plana, criam situações próprias - universos inexistentes na tridimensionalidade.

Os elementos utilizados na construção de uma obra bidimensional representam conceitos em um contexto espacial plano, em busca de um diálogo imediato, uma troca informações. No campo bidimensional, com a utilização de linguagens visuais, o artista cria imagens para expressar ideias e dialogar com o mundo, com o outro.

Norberto Stori

7

ARTE&LINGUAG
ENSCOMTEMPORANEAS

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS ∞

Objetos não procurados, mas encontrados...

O que se vê, mas não é visto, é o invisível que se revela presente nos objetos criados para a exposição coletiva **Arte e Linguagens Contemporâneas** no MIS - Museu da Imagem e do Som de Campinas. Das diferentes relações com a matéria surgem objetos escultóricos que provocam a percepção e sugerem estranhamentos.

Como as assemblages provocativas em que objetos comuns da infância dolorosamente perfurados, encaixados ou forçosamente unidos por amarrações, impõe sua presença perturbadora. Ou cacos de vidro moldados na forma de cabeças humanas, unidos a fogo não parecem mais cortantes, deixam-se tocar pela luz promovendo sombras fugazes.

As sombras como formas deliberadas se corporificam no interior de uma caixa negra, desenhadas em traço e cor, apontam as transformações do homem contemporâneo como inspiração.

Delicadas cartas de amor escritas sobre o vidro transparente refletem a sombra dos sentimentos não falados, que não podem ser descritos em palavras.

O suave desenho-objeto colocado entre chapas transparentes tenta a todo custo ultrapassar sua condição de planura, como se pudesse escorrer pelo espaço expositivo.

Entre papéis, tecidos e plásticos, os objetos apresentados ultrapassam as noções comuns à

arte histórica como estilo ou tendência, numa ação essencialmente contemporânea que valoriza em especial a expressão poética destes artistas.

Regina Lara

Luz, Câmera... Imaginação!

As técnicas e as tecnologias artísticas (seus procedimentos e seus dispositivos) devem ser consideradas como um argumento em si na História da Arte. Ao longo dos tempos souberam ser potentes o bastante para alterar a artisticidade humana, interferindo nos destinos e nas resoluções das imagens.

Assim, talvez, uma das tecnologias que mais incidiu sobre os modos de criar e produzir imagens tenha sido a fotografia – fruto do desejo renascentista (a câmera obscura) e das invenções modernas (a câmera fotográfica).

Não por acaso, na presente exposição no Museu da Imagem e do Som de Campinas, o MIS, a coletiva **Arte e Linguagens Contemporâneas**, contempla um numeroso e significativo elenco de artistas-fotógrafos e fotógrafos-artistas que adotam a fotografia como forma autônoma de expressão ou mesmo aqueles que utilizam os recursos fotográficos, percebidos alguns aspectos do seu amplo processo, como forma combinada de expressão.

A fotografia, que na contemporaneidade tem sido recurso auxiliar da sociedade criativa para muito além de suas origens mágicas e do aclamado instante fotográfico, tornou-se, então e preponderantemente, um método de concepção visual.

Nos acostumamos a perceber o mundo – e todos os seus fenômenos – através de enquadramentos,

11

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

recortes e angulações, composições, luzes e sombras, cores... como se a realidade visível fosse – de fato – uma mera réplica daquilo que teria sido capturado pelo dispositivo.

Contudo, enquanto a coautoria homem e máquina não se transforma, modo irreversível, em autonomia do aparelho! Estão, aí e aqui, os artistas exercendo suas experimentações técnicas e tecnológicas, construindo seus discursos não-verbais, de natureza imagética.

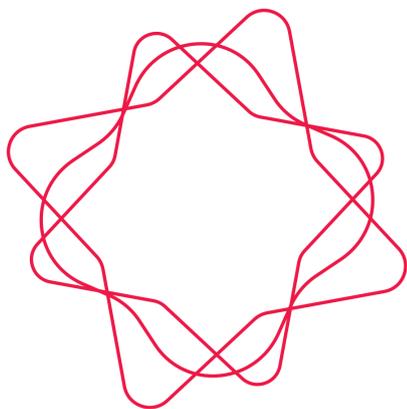
Estamos, afinal, artistas e público, vivendo o tempo da cultura da visualidade!

Marcos Rizolli

Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Linguagens

Contemporâneas – CNPq

Curador e Crítico de Arte Independente



ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANÉAS

15

Ângelo Dimitre

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS



Sem título (da série Ocupação), 2015



As ruas de uma cidade compõem cenários de encontros inusitados entre diferentes épocas e culturas, quando são realizadas festas de tradições e superstições seculares. Em Barcelona, no solstício de verão, dizem que é possível encontrar mais do que se pode ver nos ritos realizados. Ao anoitecer, algo estranho ocupa as ruas da cidade e manifesta uma misteriosa sonoridade.

O aventurar-se por essas ruas durante essas celebrações, revela-se um jogo de potenciais caminhos, encontros, desvios, camadas, misturas e combinações. *Ocupação*, do fotógrafo Ângelo Dimitre, compõe uma narrativa a partir dos encontros deste jogar e de suas múltiplas transformações.

As imagens dessa série desafiam as fronteiras entre documento e ficção convencionalmente atribuídas ao fotográfico. Não se resumem ao que está na superfície, tampouco ao que está dentro dos limites do quadro. Há uma força interior que transpõe o invólucro e abre espaço para potenciais misturas entre meios, formas e sentidos.

O espectador aventura-se pelas veredas dessa narrativa.

A. D.

Ângelo Dimitre

Fotógrafo, pesquisador e professor. Mestre e Doutor em *Educação, Arte e História da Cultura* pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisa temas relacionados à fotografia, artes, comunicação e educação. Tem desenvolvido seu trabalho, investigando aspectos de linguagem da fotografia e possíveis relações com outros meios e códigos. Sua tese de doutorado aborda as modificações nos aspectos da fotografia na ambiência digital.

19

Aurelice Vasconcelos

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS



Fotografias integrantes da série

Epílogo Animal



Epílogo Animal

Olhar! O que pode nos despertar? Alegria, desespero, esperança, desejo, tristeza, dor, contemplação. E quanto aos animais, conseguimos captar seus olhares? A série Epílogo Animal apresenta um conjunto de fotografias de animais vulneráveis e/ou ameaçados de extinção da fauna brasileira, para que possamos penetrar no olhar de cada um deles.

A. V.

22

Aurelice Vasconcelos

Nascida em Brasília, realiza o curso de Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, pela Universidade Mackenzie SP. Possui Mestrado em Ecologia Humana e Educação e Graduação em Pedagogia, ambos pela Universidade de Brasília. É Professora do Ensino Fundamental da Secretaria de Estado de Educação do DF, desde 1998 e utiliza as linguagens artísticas como recurso pedagógico. Já participou das exposições coletivas: Animais ameaçados de extinção – ICMBio/2012 e Afirmando os ideais dos trabalhadores da floresta – WWF e ICMBio/2014. Realizou as exposições individuais: Fogo e Cerrado – Jardim Botânico de Brasília/2010 e Entre(laçamentos) Extrativistas – MIS Campinas/2017. Possui dois livros publicados de fotografias: Vida, Uma Poética ao Cerrado – Senado Federal/2013 e Nos Veios de Cana Brava – SAMA/2015. Foi curadora da Exposição Cerrado: Um mosaico fotográfico – IBRAM-DF/2013. Possui dezenas de imagens publicadas em sites nacionais e internacionais, revistas científicas e informativas, documentos públicos, relatórios técnicos, catálogos, jornais e outras publicações.

Mais informações:

aurelice.vasconcelos@gmail.com

<http://aurelicevasconcelo.wix.com/aurelice>

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4464207H5s>

Beatriz Albuquerque

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

O Gesto de Fotografar: entre a técnica e a poesia.

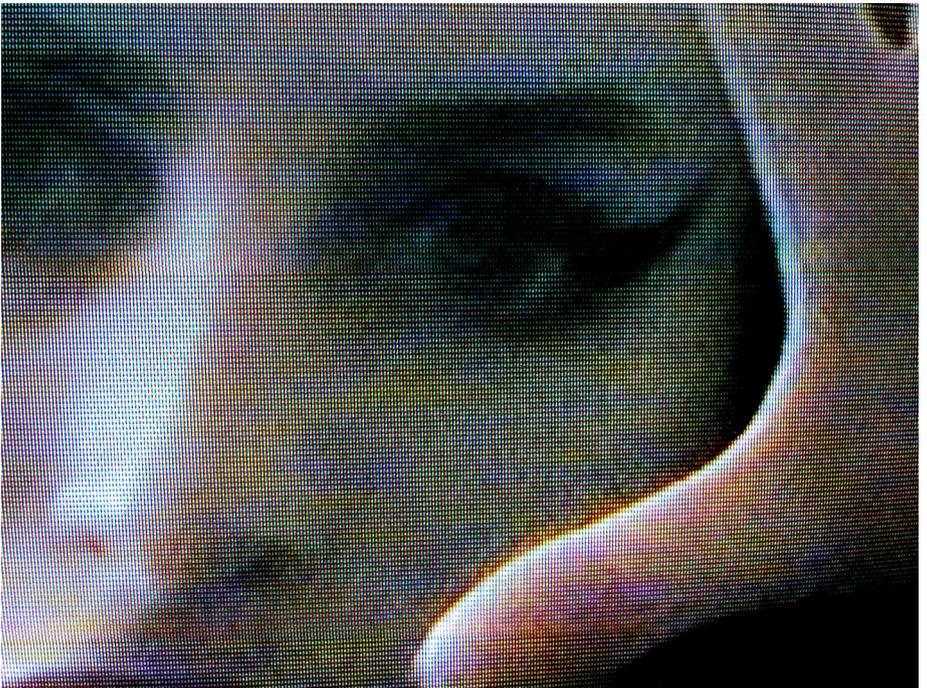
(...) Beatriz Albuquerque há muito tempo elegeu a máquina fotográfica como instrumento de trabalho, como prolongamento de seu próprio corpo e como forma de expressão artística. Em seu trabalho *Retratos Roubados*, a fotógrafa esclarece sua intenção de promover a relação entre o analógico e o digital, cujo tema é expressão do contemporâneo.

Imagens provenientes de televisão analógica, capturadas por câmara digital do telefone celular. Este é o diálogo proposto. O que se faz, então, é produzir fotografias cujas imagens incluem a intersecção da transmissão das ondas eletromagnéticas contínuas aos sinais originais da televisão analógica, com a corrente de bits em código binário da tecnologia digital.

(...)

Beatriz Albuquerque vai nessa “fissura” e, a despeito dos aparelhos que utiliza, seu olhar compartilha com sua lente de “aumento” o que o olho humano não vê. (...) A artista/fotógrafa encarna o significado do ato de fotografar como gesto poético que defino como aquele que ao interferir com seu aparelho busca rerepresentar outra realidade e, portanto, adiciona a seu gesto técnico o gesto artístico, poético, ato semiótico.

Elisabeth Leone Gandine Romero
Dra. em Comunicação e Semiótica PUC/SP



Beatriz Albuquerque

Sou graduada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP e mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Trabalhei por mais de 30 anos na área editorial, onde desenvolvi projetos como free-lance e como colaboradora mensal nas principais editoras do país, dentre as quais se destacam: Abril, Três, Alto Astral e Globo, bem como a produção fotográfica para assessorias de imprensa e cobertura de eventos, nas áreas de tecnologia, medicina e política. Fotografei portfólios, capas e miolos de livros para artistas plásticos, entre eles, Regina Silveira, Carmela Gross, Cláudio Tozzi e Franz Weissmann, além de catálogos para instituições como Paço das Artes e Museu de Arte Moderna de São Paulo. Realizei ensaios para arquitetos como o acompanhamento fotográfico da construção do Centro Cultural São Paulo, projetado por Eurico Prado Lopes (1980/1982).

Outras atividades relevantes foram a participação em equipes de pesquisa no IDART (1977/1979), no departamento de documentação artística da Secretaria Municipal de Cultura e a atuação como fotógrafa na Secretária de Estado da Cultura (1988/1991) e nos programas de manutenção e expansão da rede física das escolas estaduais da Fundação para o Desenvolvimento da Educação, FDE, (1991/1994) do Governo Estadual paulista.

Atualmente sou professora de Fotografia na Faculdade de Publicidade e Propaganda da Universidade Presbiteriana Mackenzie

27

Carlos Negrini

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Obras integrantes da série

Sonhos Fabricados II





A obra performático-fotográfica de Carlos Negrini determina uma dimensão autobiográfica ao revelar o corpo em suas múltiplas possibilidades, que assume um lugar de extrema densidade política, evidenciando questões para refletir a própria existência. Tendo como referência o ambiente familiar como microcosmo criativo, explora as fronteiras entre sujeito e sociedade assumindo uma natureza expressiva que transita do íntimo ao universal. Como consequência de memórias da sua infância e do embate relacional com o mundo, emergem questões como pertencimento, rejeição, amor, ódio, identidade e sexualidade - na delicada relação entre mãe e filho. Na série *Sonhos Fabricados II*, na visão do artista, tudo que não corresponde às expectativas da mãe ou se apresenta como fenômeno excêntrico ao núcleo familiar, deve ser subtraído e num gesto simbólico, a mãe leva o estrangeiro, metaforicamente representado por um lençol branco, em direção à genitália, num ato de retorno do filho para o interior do ventre, uma vez que, o mesmo não correspondeu aos seus *sonhos fabricados*.

C. N.

Carlos Negrini

É educador e Artista Visual; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade presbiteriana Mackenzie - São Paulo. Possui Bacharelado em Artes Visuais e Especialização em Fundamentos de Uma Educação para o Pensar pela PUC/SP. Ganhador do prêmio de fotografia da 1ª edição no Brasil do evento "São Paulo Retratos" coordenado por David Graham, com uma seleção de sua obra exibida no World Photography Festival de Londres.

Carolina Vigna

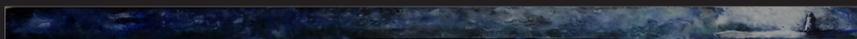
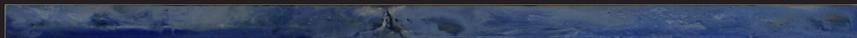
31

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS



Persistência, 2017, tríptico

(e pormenores)



Persistência é um tríptico de encáusticas sobre madeira. O silêncio e o vazio são, para mim, valores a serem buscados. Só é possível entrar em algo (ou alguém) se houver espaço. Busco essa tensão entre a forma e o vazio, entre o horizonte e a mancha. Nessas marinhas, interessa-me o movimento do traço e o silêncio da mancha.

Persistência é também uma memória, aquilo que guardo após não mais estar, depois de não estar mais ali. É preciso mover-me para que o lembrar persista. Aprendo com o tombo do navio e com o balanço do mar.

C. V.

Carolina Vigna

É mestre e doutoranda em *Educação, Arte e História da Cultura*, na Universidade Presbiteriana Mackenzie SP. Possui bacharelado em Artes Visuais, licenciatura em Artes e especialização em História da Arte: teoria e crítica. Suas últimas exposições individuais foram *Não me depilei para isso* (MIS Campinas, 2017) e *Moinhos de vento* (Epicentro Cultural SP, 2016).

Claudio Imamura

35

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Criei a ilustração de uma árvore dando voltas em si mesma depois que assisti ao noticiário, onde apenas notícias lamentáveis foram destacadas, como guerra, crime e corrupção. Depois, ao desenhar, percebi que a árvore pode muito bem representar a humanidade. O traço da árvore recebe influência do quadrinista Berni Wrightson.

C. I.



Claudio Imamura

Claudio Imamura é mestrando em *Educação, Arte e História da Cultura*, na Universidade Presbiteriana Mackenzie SP; Possui bacharelado em Publicidade e Propaganda, especialização em Neurociências aplicadas em educação e Docência no ensino superior pela FMU; Docente de Computação gráfica, tecnologia de informação, e desenho artístico no SENAC Santana; Animador 2D E 2D digital com trabalhos em History drink (2014), Peixonauta (2009), Escola pra cachorro (2008), Procura-me (2008), The secret of Kells (2007), Asterix e os vikings (2004).

Dângela Nunes Abiorana

39

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Botena Namoradeira é um convite ao diálogo por meio do sensível, onde a artista busca problematizar o sistema de hétero-sexualidade-compulsória em matrizes familiares. Ao retirar objetos que por ela são considerados instrumentos de reprodução de marcadores de gênero (no caso a boneca) de seu cotidiano, desfigurado do conceito de coisa “coisa e sua serventia” pode tornar-se obra em diálogo ao sensível, visando a afetação, uma potencial afecção.

Botena Debutante é uma proposta de assemblage de objetos, que expõe a erotização dentro de do viés da economia política falocêntrica, em que torna mercadoria o feminino. Busca questionar as estereotípias viciantes que o mercado de consumo nutre e que é repetida/reproduzida na matriz familiar através de objetos cotidianos, no caso os brinquedos, aqui representado com a boneca.

Estas obras fazem parte de uma série em que a artista desenvolve juntamente com suas pesquisas sobre gênero e corpo em performances artísticas e sociais no doutoramento em *Educação, Arte e História da Cultura* na Universidade Presbiteriana Mackenzie

D. N. A.



Dângela Nunes Abiorana

Doutoranda no curso de Educação, Artes e História da Cultura -
Universidade Mackenzie SP.

Mestre em Educação, Artes e História da Cultura - Universidade
Mackenzie SP.

Especialista em Arte e Tecnologia - Universidade de Brasília - UNB.

Pesquisadora em Arte e gênero

Pedagoga e Professora da Secretaria de Estado de Educação do DF

e-mail: ddangela@gmail.com

Fone: 61 984207048

Diogo Rodrigues

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS





O ato de se colocar em frente a uma imagem fotográfica pode significar uma rica e completa experiência visual. Nesse exercício do olhar é fundamental reconhecer que antes de analisarmos a semântica da imagem,

precisamos reconhecer os elementos visuais básicos, como: ponto, linha, forma, textura e cor e por se tratar de fotografias a luz e a perspectiva. Os elementos básicos da composição visual podem ser estudados seguindo uma sequência lógica em que podemos observar, portanto, algumas de suas possibilidades e limitações.

Desse modo, devemos nos lembrar que uma fotografia, antes de ser uma paisagem, um retrato, ou qualquer tipo de registro visual, é essencialmente ponto, linha, luz, cor e forma sobre um plano organizado em uma ordem particular.

D. R.

Diogo Rodrigues Afonso

Nasceu em 25 de 1981 e é um paulistano apaixonado pela capital. Estudou fotografia no Senac, bacharel em Desenho Industrial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela mesma instituição.

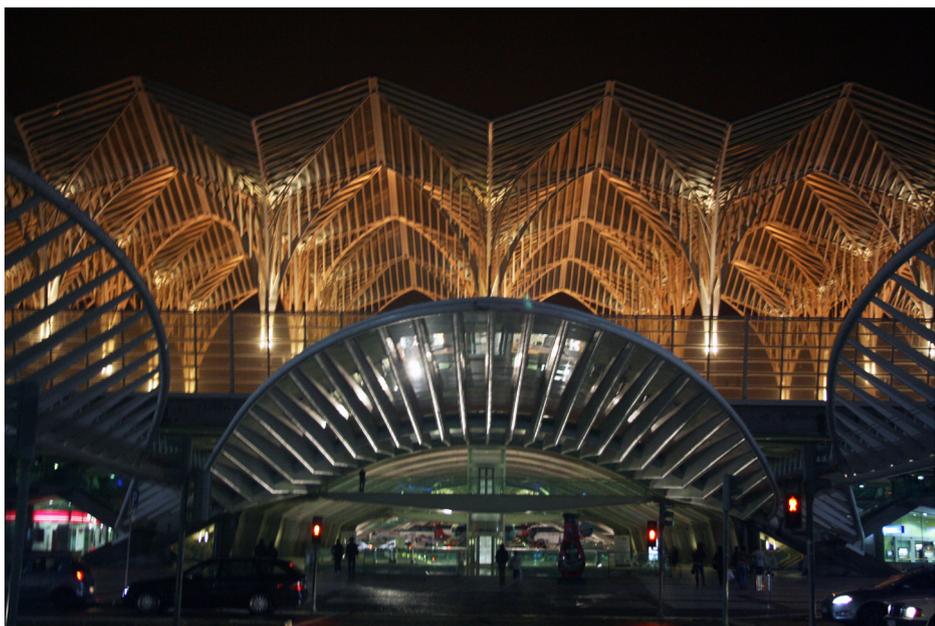
A paixão por fotografar a natureza, principalmente árvores, começou ainda na adolescência quando obteve sua primeira câmera manual. Entretanto, foi na Graduação e no Mestrado que a paixão pelas imagens se tornaram mais intensas.

Sua grande inspiração são fotógrafos modernistas brasileiros e internacionais.

Egidio S. Toda

47

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS



ALFABETISMO VISUAL: da leitura à composição



ALFABETISMO VISUAL: da leitura à composição

Para uma composição bem-sucedida, é necessário uma boa base de informações sobre a interpretação de obras, a investigação sobre suas estruturas e desenvolvimentos, os estudos sobre as ferramentas de comunicação e o melhor método de distribuição de toda a informação. A partir do entendimento destas etapas, estamos aptos para compreender os mais variados tipos de projetos fotográficos.

O resultado desta mistura é a base da construção, de projetos bem-elaborados, bastando adicionar como tempero sua criatividade e estilos personalizados. Através do entendimento da linguagem formal através da regra dos terços, do ponto, linha, formas, planos, profundidade, simetria, harmonia, equilíbrio, tom e das cores, vamos aprender a ler uma fotografia. E, com suas possibilidades de leitura, permitir aproximar-se da obra de diferentes maneiras e com olhares diversos.

E. S. T.

Egídio S. Toda

É Professor Universitário, Designer Gráfico e Fotógrafo. Graduado em Comunicação Digital, Especialista em Comunicação e Mídia, Mestre e doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP. Pesquisador em Artes, Comunicação e Semiótica pela UPM Mackenzie - SP - Brasil e IPCA - Barcelos - Portugal, Coordenador do curso de Design Gráfico na Universidade Paulista - SP, Professor de Pós-Graduação em Comunicação e Produção de Imagens em Fotografia e Audiovisual na Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP e Professor de Graduação em Fotografia, Design Gráfico, Publicidade & Propaganda e Propaganda & Marketing na Universidade Paulista - SP.

51

Fátima Lourenço

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Os trabalhos em exposição fazem parte de uma série de aquarelas que venho realizando sobre a cidade de Paraty - RJ, desde 2014.

O meu interesse é pela apresentação da paisagem em cores vibrantes e contrastantes. Utilizando a técnica de pintura em aquarela sobre papel, estabeleço emoção ao resultado final, onde a paisagem não é só paisagem, mas tudo que senti, tudo que vivenciei.

F. L.



Fátima Lourenço

Aquarelista, especialista em visual merchandising. São Paulo / SP

A participação em salões de arte se dá em 1976 no “VII Salão Paulista de Arte Contemporânea”, Paço das Artes, São Paulo quando eu cursava o primeiro ano da Faculdade de Artes Santa Marcelina. Desde então exponho em Salões Oficiais e Exposições Coletivas de arte. No ano de 2001 realizei a minha primeira exposição individual.

Em 2000 concluí o curso de pós-graduação em Artes Plásticas com Especialização em Pintura em Aquarela na Faculdade Santa Marcelina (lato sensu) e em 2003 terminei o mestrado em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie (stricto sensu), São Paulo. Vivo e trabalho em São Paulo.

Email fatimalourenconunes@gmail.com

Site www.fatimalourenco.art.br

Telefone: (011) 3667-9928

Celular: (011) 99606-2875

Ilana Bessler

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS



Habitado

SP, 2014 - 2017



A partir da demarcação de um raio espacial na região central de São Paulo, Ilana se propôs a fotografar interiores de casas e a vivência de seus moradores. O projeto *Habitado* explicita objetos carregados de personalidade e história, reveladores de identidade, bem como pequenas ações cotidianas. As imagens buscam a banalidade estética. A cena que não representa nenhuma ocasião comemorativa, o ambiente desarrumado, o oposto do preparado, do icônico, do memorável. Um canto da casa, uma ação corriqueira, objetos, rastros, índices que trazem a dimensão vivida do cotidiano.

O projeto levanta questões como a relevância da autoria, a apropriação de imagem e a criação em rede colaborativa. *Habitado* não teve um início preciso e provavelmente não terá um fim demarcado. A continuidade e a falta de fronteiras acentua seu caráter investigativo intrínseco ao processo criativo e convida à participação.

I. B.

Ilana Bessler

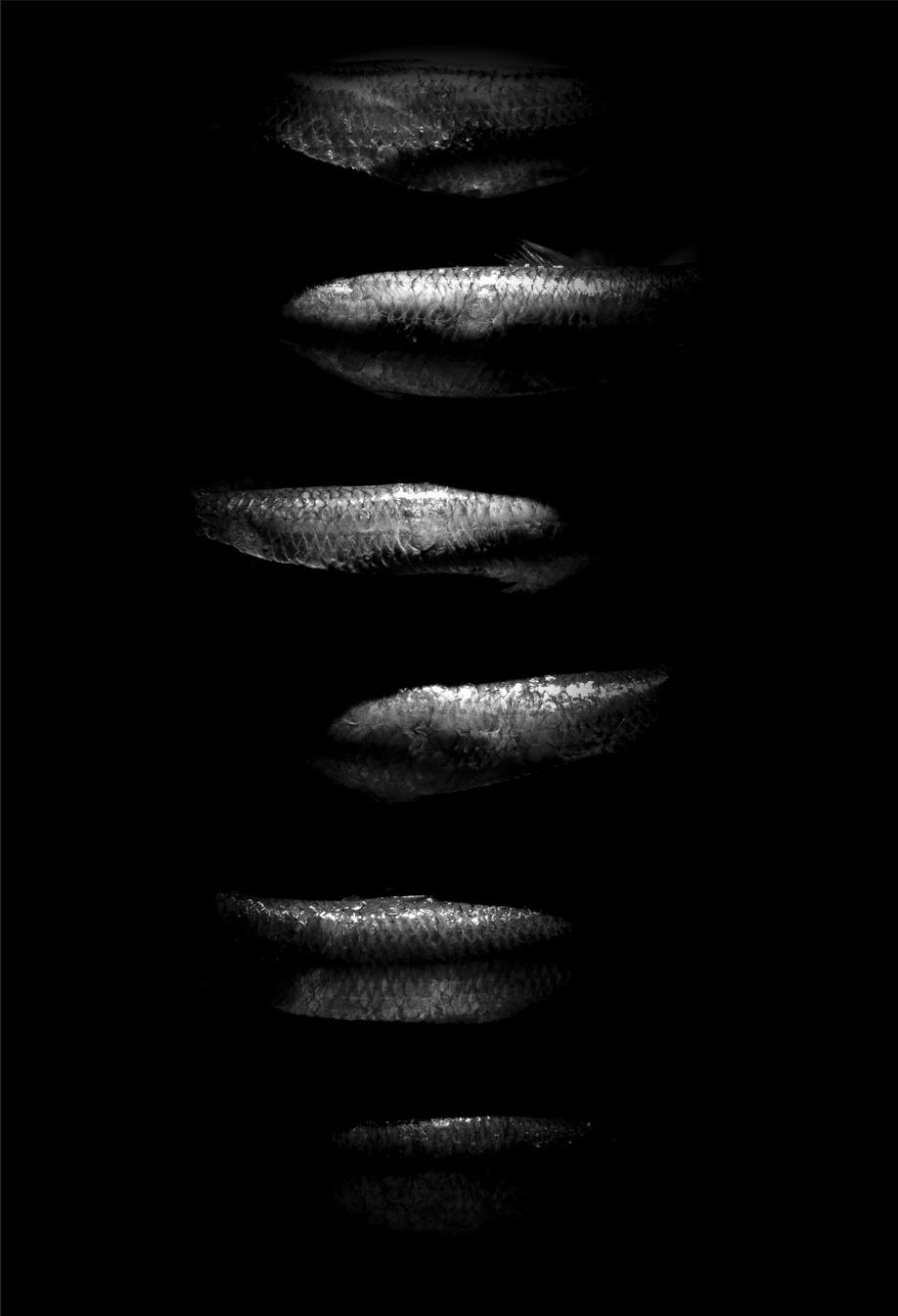
É pós-graduada em Fotografia como Instrumento de Pesquisa nas Ciências Sociais na UCAM/ RJ e Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura na UPM/ SP. Pesquisa Fotografia Intermediática. Participou de exposições coletivas e individuais no Brasil, Argentina, Estados Unidos, Alemanha e Itália. Idealizadora do projeto Urban Space, em parceria com a galeria virtual alemã Wooloo. Curadora independente da 1500 Gallery NY. Seleccionada para a 8ª Biennale Internazionale D'ArteDi Roma e para residência Creative Asylum, realizada na White Box Gallery, em NY. É representada pela Artshot em SP e pela Bossa Gallery em Miami. www.ilanabessler.com

José Marcos Carvalho

59

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS





O trabalho apresentado nesta exposição é uma pequena amostra do acervo do artista, que dispõe por intermédio da utilização de técnicas fotográficas tradicionais, o desenvolvimento da sua poética. Nesta mostra coletiva são ressaltadas duas imagens produzidas à maneira fotográfica do “Still-Life”, modalidade utilizada por fotógrafos no âmbito do tratamento da luz e disposição dos objetos. A inspiração poética advém do aproximamento desta modalidade e das pesquisas pessoais do artista em torno das produções dos fotógrafos-artistas. O processo visa um adensamento das relações entre a Fotografia e a Arte, em vista aos procedimentos de manipulação da imagem, percursos característicos da fotografia contemporânea.

J. M. C.

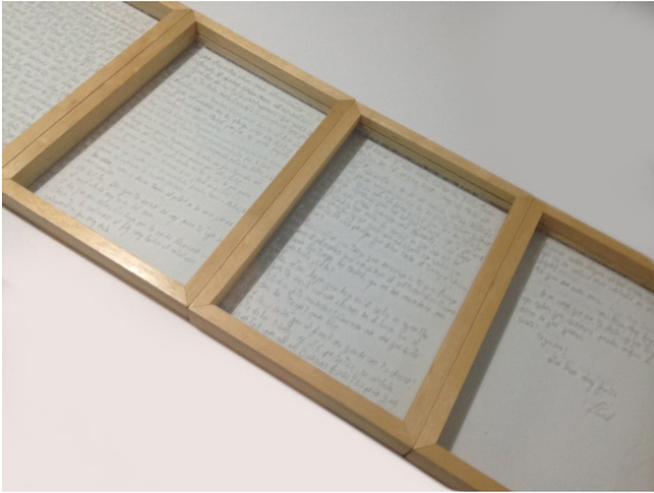
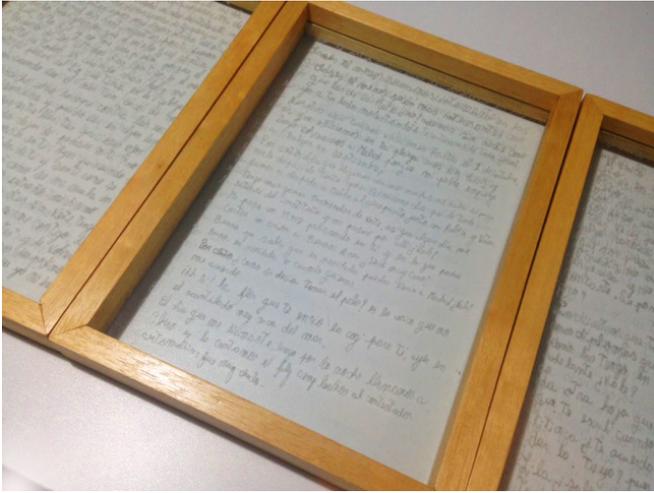
José Marcos Carvalho

José Marcos Carvalho é Doutor e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Bacharel em Design Gráfico pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará na cadeira de Teoria das Relações entre Arte, Cultura e Sociedade. Desenvolve sua produção fotográfica desde 1993, atuando como pesquisador em Artes e fotografia contemporânea.

Lila Nemirovsky



Cartas I



Em *Cartas I*, peças feitas em vidro gravado à mão, se observa que, com a luz natural, a leitura da carta não está facilitada. Apenas com a luz expográfica, referenciado o seu caráter melancólico, a mensagem projeta-se em forma de sombra na parede. Materializada no vidro, portanto, a escritura se revela pelo contraste de luz e sombra.

L. N.

Lila Nemirovsky

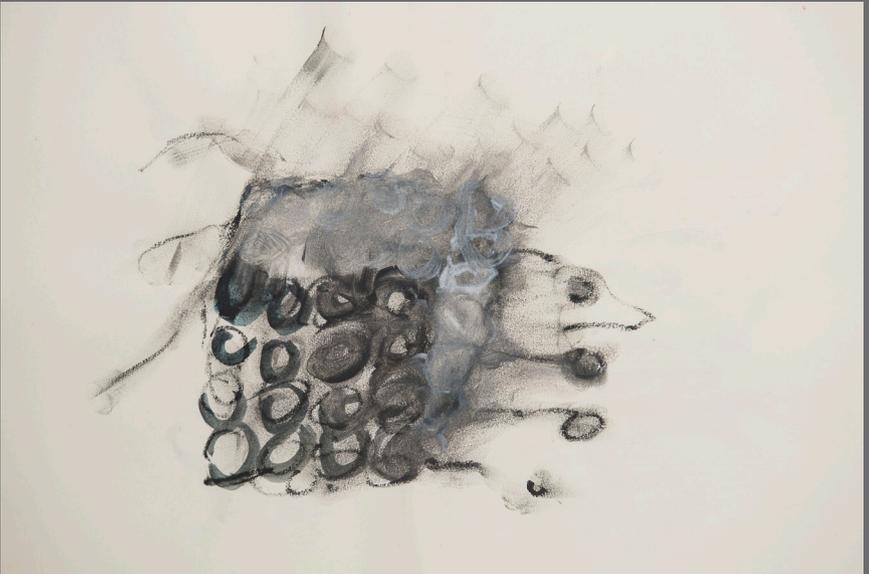
É uma artista argentina radicada na cidade de São Paulo há cinco anos. É mestranda em Educação, Arte e História da Cultura, na Universidade Mackenzie. Bacharel em História da Arte na Universidad Autónoma de Madrid, concluiu a especialização em técnicas do vidro na Itália, graças ao prêmio do Fundo Social Europeu. Trabalhou em Veneza, na Holanda e na Finlândia, nas oficinas de vários artistas escandinavos, antes de abrir seu próprio atelier em Buenos Aires, agora no Brasil.

67

Lucia Castanho

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Colar para calar





Colar para calar

Ofélia, personagem que se apaixona e morre por amor vem sendo por mim discutida exaustivamente desde 2009. Falar de Ofélia é como elucidar a condição feminina nos dias de hoje. Épocas diferentes mas problemas iguais. Morrer, sobreviver, amar, se apaixonar e por fim calar.

“Cala-te agora! A bela Ofélia Ninfa... em tuas orações sejam lembrados todos meus pecados.” Hamlet no texto de Shakespeare.

Nos exercitamos durante nossa não tão longa vida a calar. O colar é uma metáfora para o silêncio.

Kafka em seu conto “O silêncio das sereias” nos deixa claro que o silêncio é uma arma mais terrível do que o seu canto. Ulisses, personagem que se prepara para não ouvi-las, olha para as sereias e vê “os movimentos dos pescoços, a respiração funda, os olhos cheios de lágrimas, as bocas semi-abertas, mas achou que tudo isso estava relacionado com as árias que soavam inaudíveis em torno dele.” Elas se calam, Ofélias, e também nós mulheres que vivemos no século XXI. Nos assemelhamos à ficção e repetimos o papel que herdamos das sociedades mais antigas, o silêncio é inerente às mulheres.

Dei início a essa série de colares em residência artística em Barcelona no início deste ano de 2017. Nesse período produzi objetos, desenhos e fotografias.

L. C.

Lucia Castanho

É artista visual. Mestre e doutora pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e coordenadora de Moda na Universidade de Sorocaba.

Marcelo Kammer

71

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Pernas 38

Pernas 12

Pernas 8





A série *Pernas* emerge da possibilidade de expansão do meu corpo a partir de uma nova possibilidade de observar a realidade que participo, seja como observador ou autor. Desenvolvo uma nova lente para a observação espontânea de pessoas e objetos a partir da utilização de meu primeiro *smartfone*. Antes da tecnologia possibilitar o registro de momentos cotidianos, não seria possível este tipo de registro de olhar. As imagens foram capturadas sempre num ponto de vista distante do mais comum, na altura dos olhos. Observar e registrar fora de meu campo natural de olhar, me fez desenvolver essa série como um exercício de composição.

Em lugares que frequento, como museus, galerias, transporte público, ruas, a partir do chão e até a linha de cintura, percebo pessoas que passam a despertar meu interesse. O dinamismo das linhas dos pisos, as texturas e as diferentes posições das pernas se constituem como elementos compositivos. O olho captura e o cérebro codifica imagens em tamanhos mínimos que quando se ampliam, evidenciam detalhes que não foram percebidos inicialmente.

M. K.

Marcelo Kammer

Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela U.P. Mackenzie, Especialista em design de produto pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e Bacharel em Desenho Industrial pela Faculdade de Belas Artes de SP. Experiência na área de Design com ênfase em desenvolvimento de protótipos, atuando principalmente em ensino superior (orientações de TCC), design industrial, produtos para área médica (ortopedia), inovação e gestão de design.

Marcos Rizolli

A doação dos olhos azuis é um autorretrato significativamente expandido de sua natureza figurativa. É ente integrante de um conjunto de objetos-montagens caracterizado pela livre geometrização de metonímias anatômicas.

Sua plataforma sintática é o Dadaísmo, em dimensão metodológica: aquela das materialidades excêntricas e do uso de imagens prontas – cujas montagens suscitam surpresas e estranhamentos.

Sua base semântica, condicionada às formas, pretende alcançar o estatuto da intelectualidade artística contemporânea a partir de processos e procedimentos visuais.

Neste contexto, assim como nos ensina Adorno, a arte, de fato, é o mundo outra vez, tão igual a ele, quanto dele desigual.

M. R.



A doação dos olhos azuis, 2017

Marcos Rizolli

É Professor Universitário; Pesquisador em Artes; Crítico de Arte e Curador Independente; Artista Visual; Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - Brasil; Licenciado em Artes Plásticas; Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica: Artes; Pós-Doutor em Artes; Membro da Associação Profissional de Artistas Plásticos - APAP - Brasil.

79

María Pelaez

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

A obra *Muro em corte frontal* faz parte de uma série intitulada *Barreiras Urbanas- Transposição*. A vida está para além do muro? Ou aqui dentro, presa e aguardando a próxima bala perdida ou a próxima bomba? Ninguém está protegido. A guerra, o terrorismo e a marginalidade acontecem aqui ou lá. Sabemos que marginais somos nós todos. Estamos presos; somos presas.

Sempre apartamos humanos de humanos. A dor nos invade e abre caminhos, nos surpreendendo. Podemos transpor tais barreiras? O impacto emocional criou em mim um estado de encapsulamento, gerando um diálogo interior ruidoso que motivou um processo construtivo gerador de uma nova via de existência: emergindo num mundo *post-conceptual*, proponho uma transcendência para que o espectador possa pensar no significado da sua condição terrena através da obra vista. Em minhas pinturas, viso gerar uma reflexão sobre o nosso estado de urgência e indignação no mundo e a nossa capacidade de transposição.

M. L. W. P.

Foto: Allan Wochler



Obra "Muro em corte frontal", 2017
integrante da **série**
Barreiras Urbanas- Transposição

María Pelaez

Maria Lúcia Wochler Pelaez é doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pedagoga, Mestre em Educação pela USF e Licenciada em Artes pela FAAP. Docente e Coordenadora de cursos de graduação e pós-graduação. Atua no ensino há 22 anos. Atualmente é pesquisadora pela CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior- junto ao Mackenzie. Desenhista Gráfica e Artista Plástica. E-mail: wpelaes@uol.com.br

Mariana Hossein Fontes

83

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

A fuga, 2017





As guardiãs, 2017

As imagens aqui apresentadas, *As guardiãs* e *A fuga*, são parte da investigação criativa, expressiva e crítica das possibilidades intersemióticas no campo da fotografia e da pintura. As duas imagens constroem histórias de poder e mistério, de mundos fantásticos e suas personagens. São histórias que se sugerem ao leitor e dão abrigo à sua subjetividade. Entre métodos e concepções da linguagem visual, as fotografias são pautadas na intencionalidade artística, a qual é manifestada pela montagem procedimental e filosófica. É o recortar-e-colar dos pixels combinado a um processo de significação da montagem que remete aos movimentos da História da Arte – como o cubismo, o surrealismo e o dadaísmo. Os elementos da imagem são pensados de forma a ocuparem um espaço estético determinado a priori, dentre eles destaque: o alto contraste, a luz caravaggiana, o granulado, o borrado do movimento, os corpos preenchendo a cena e a composição geométrica. Portanto e finalmente eu digo: fiz essas imagens para concretizar o imaginável e dar forma ao indizível.

M. H. F.

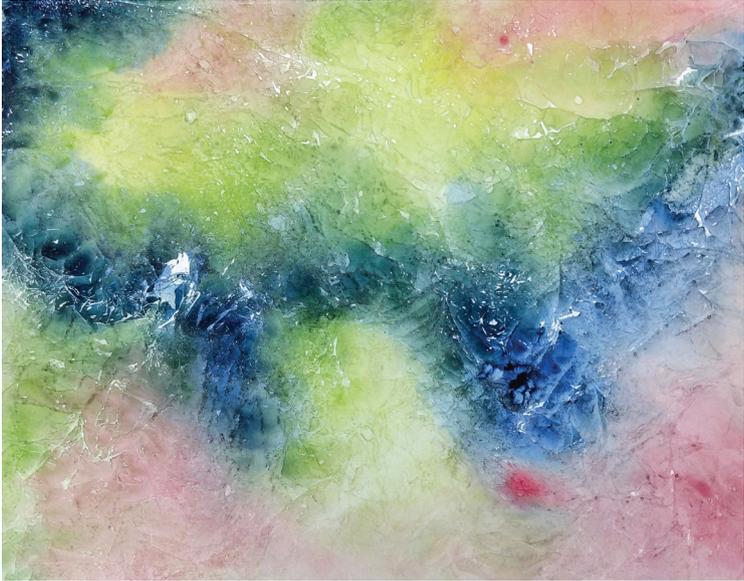
Mariana Hossein Fontes

É mestranda em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo, Brasil. Possui graduação em Publicidade e Propaganda - Ênfase em Criação pela mesma universidade. Atualmente desenvolve uma série fotográfica como estudo criativo sobre linguagem, processos e procedimentos artísticos.

87

Marilu F. Queiroz

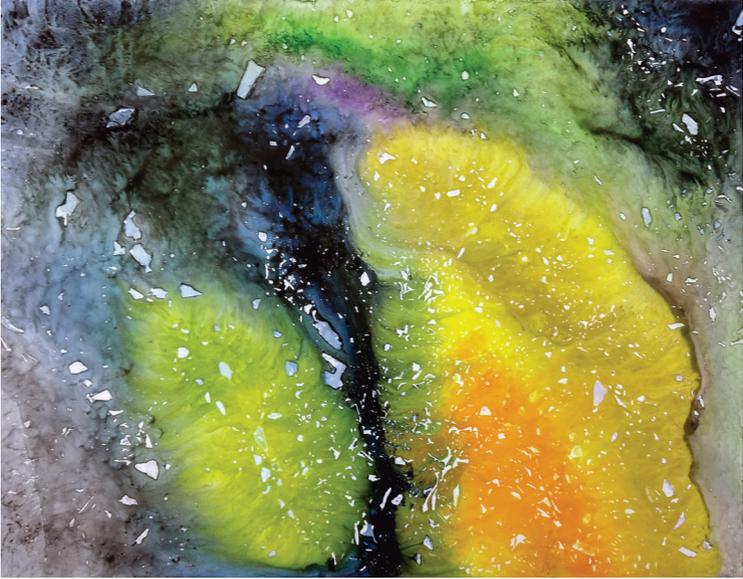
ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS



Galáxia 1

Galáxia 5

Galáxia 4



As aquarelas da série *Galáxia* fazem parte da pesquisa que tenho desenvolvido desde 2012 sobre o papel sintético Yupo, que desafia a técnica tradicional da aquarela, onde o pigmento depositado por meio de um condutor intermediário proporciona relevos interessantes e inéditos sobre o suporte final. O acaso propicia veladuras e manchas interessantes, que manipulo de acordo com a minha intuição.

M. F. Q.

Marilu F. Queiroz

Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP. Se dedica à pesquisa da técnica da aquarela e já participou de diversas exposições coletivas nacionais e internacionais e individuais. Como escritora tem diversos textos editados em antologias, além de livro de contos e didático, dissertação sobre arte e revistas eletrônicas no Brasil, França e Suíça.

Norberto Stori

A série *Crepúsculos*, que venho desenvolvendo há anos, pinturas em aquarela, são paisagens que sugerem lugares vividos ou vistos. São vistas ao longe. Sempre ao longe. Infinitas. O infinito sempre presente. O infinito da paisagem sugerindo pontos de luzes, de cores, de seus reflexos e seus mistérios crepusculares, onde a busca e a exploração da cor e da luz da paisagem brasileira faz com que a cor e a luz sejam preponderantes. A luz que se transforma em cor. A cor que se revela luz.

Nessas paisagens, nenhuma cor é literal ou descritiva, as cores respondem à emoção e, na maioria das vezes chegam a ser arbitrárias. As cores existem, tem seus espaços e suas expressões próprias. Não há a preocupação com a representação realista ou naturalista. Às vezes acontecem relações com o real, com o natural. São paisagens imaginárias elaboradas por mim. Um voo livre pelo diálogo crepuscular com a noite ou com o amanhecer. Um voo livre pelas janelas da imaginação expressando sugestões de lugares, sonhos e memórias.

Nessa busca sem fim, cada vez mais encontro barreiras a serem derrubadas, cada vez mais caminhos a serem percorridos, cada vez mais infinitos a serem criados e sugeridos. Cada vez mais infinitos sem fim.

N. S.



Crepúsculos

Norberto Stori

Artista plástico com exposições individuais e coletivas nacionais e internacionais, prêmios, obras em acervo no: Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Museu da Arte de Porto Alegre/RS, Museu da Aquarela da Cidade do México/México e coleções particulares nacionais e internacionais. Formação: Curso de Bacharelado/Licenciatura em Desenho e Plástica - Faculdade de Artes Plásticas e Comunicações da Fundação Armando Álvares Penteado/SP (1968-1971). Mestre e Dr. em Comunicação e Artes/UPM. Livre Docente em Arte Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista/UNESP/SP. Prof. Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura/CEFAT da Universitária Presbiteriana Mackenzie. Prof. Adjunto do IA/UNESP/SP.

Regina Lara

95

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Um torso grego do século III A.C. inspirou o poeta Rainer Maria Rilke, quando trabalhava com o escultor Auguste Rodin, no início do século XX. A imagem incompleta de um homem inspirou o poema que dá vida ao mármore esculpido, pensando os limites desse muso inspirador.

As musas eram figuras femininas da mitologia grega que inspiravam as artes e as ciências: Terpsícore (dança), Erato (poesia lírica), Euterpe (música), Polímnia (música sacra), Melpômene (tragédia), Tália (comédia), Calíope (Eloquência), Clio (História) e Urânia (Astronomia).

Procura-se um Muso aponta o homem contemporâneo como fonte de inspiração, nos propondo a pensar novos limites, em permanente transformação.

Torso arcaico de Apolo

Não sabemos como era a cabeça, que falta,
de pupilas amadurecidas. Porém
o torso arde ainda como um candelabro e tem,
só que meio apagada, a luz do olhar, que salta

e brilha. Se não fosse assim, a curva rara
do peito não deslumbraria, nem achar
caminho poderia um sorriso e baixar
da anca suave ao centro onde o sexo se alteara.

Não fosse assim, seria essa estátua uma mera
pedra, um desfigurado mármore, e nem já
resplandecera mais como pele de fera.

Seus limites não transporia desmedida
como uma estrela; pois ali ponto não há
que não te mire. Força é mudares de vida.

Tradução de *Sämtliche Werke*, 1926, de Rainer Maria Rilke, por BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. In: *Poemas traduzidos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.



Procura-se um Muso, 2017

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS 98

Regina Lara

É Professora Universitária; Pesquisador em Artes; Artista do Vidro e restauradora de Vitral; Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo – Designer; Mestre em Artes; Doutora em Psicologia da Criatividade; Pós-doutoranda em Artes; Membro do ICOM Glass – International Committee for Museums and Collections of Glass.

Rita Varlesi

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

In-Finitude envolve um processo de criação colaborativa e interdisciplinar entre artistas e pesquisadores que exploram múltiplas linguagens promovendo uma discussão estética sobre o caminho da imagem por meio de um ensaio artístico. O projeto *In-Finitude* prevê uma instalação e apresentação artística envolvendo elementos físicos e digitais na construção do conceito de transição - vida e morte do corpo. Neste projeto o conceito de corpo está representado por esculturas de vidro, objetos de ferro-velho e fotografias de cemitério que compõem os elementos físicos da instalação sobre o aspecto da materialidade. O projeto também envolve o meio virtual através de um corpo em performance da persona simulando movimentos através das projeções de imagens que caminham no ambiente, transformadas esteticamente em uma intervenção sonora.

A proposta de trabalho está no desenvolvimento da personagem que transita entre as relações físicas e virtuais de modo a tornar personagem, objeto e cenário uma ambiência que vivencie a transição de vida e morte.

Para que essa transição envolva a percepção de outros artistas, a proposta deste projeto esta pautada na adição e subtração de novos trabalhos a cada apresentação em que variados coautores apresentem sua visão sobre corpos, objetos, vida e morte, centrados nas relações analógico-digitais.

R. V.



In-Finitude

Transição - vida e morte do corpo

2015 - atual

Rita Varlesi

É pesquisadora, doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2015 - atual) Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004) Pós-graduada (latu-sensu) em Design pela Universidade São Judas Tadeu (1997). Atualmente desenvolve dois projetos de estudo que compreendem elaboração de esculturas em vidro e dispositivos digitais. Um dos projetos é o IN-FINITUDE, iniciado em 2015 engloba as relações da “Persona” sobre a temática de vida e morte. E o projeto “Casa de Vidro” iniciado no segundo semestre de 2016, sobre o “Self artístico”. Sua experiência concentra-se nas áreas das Artes, com ênfase em vídeo digital, fotografia, performance virtual, linguagens computacionais e cenografia. Trabalhou com artes gráficas, conhecendo os trâmites e setores da área.

Rogério Pereira

103

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Rua do Matão pertence a uma série de desenhos criada num período em que a ideia de projeto de arte (próprio da arte conceitual) e a efusão do gesto criador (ligado às poéticas líricas) estavam em choque.

O trabalho em exposição foi desenvolvido em ateliê, sob supervisão da artista Ana Maria Tavares, para discutir o desenho da paisagem na contemporaneidade. A ilusão da narrativa foi o conceito norteador para o estabelecimento do meu diálogo com outros artistas. Entre as afinidades eletivas desse trabalho estão Carmela Gross, Ana Tavares, Evandro Jardim e Gerty Saruê.

R. P.



Rua do Matão, 1995

Rogério Pereira

É mestre em Educação, Arte e História da Cultura (Universidade Presbiteriana Mackenzie), Bacharel em Artes (Universidade de São Paulo) e tem se dedicado a estudos sobre processos de criação em cinema. Atuou como fotojornalista, repórter e editor de Cultura para o portal de notícias UOL. Desde 2004, escreve para diferentes revistas e agências de publicidade. Sob o *nom de plume* Paladino, assina textos de dramaturgia, roteiros de ficção e projetos multimídia alinhados aos conceitos de instalação e performance. Participou da Exposição Nascente, projeto anual da Universidade de São Paulo ligado ao seu Museu de Arte Contemporânea e é um dos novos autores do Núcleo de Dramaturgia Sesi---British Council.

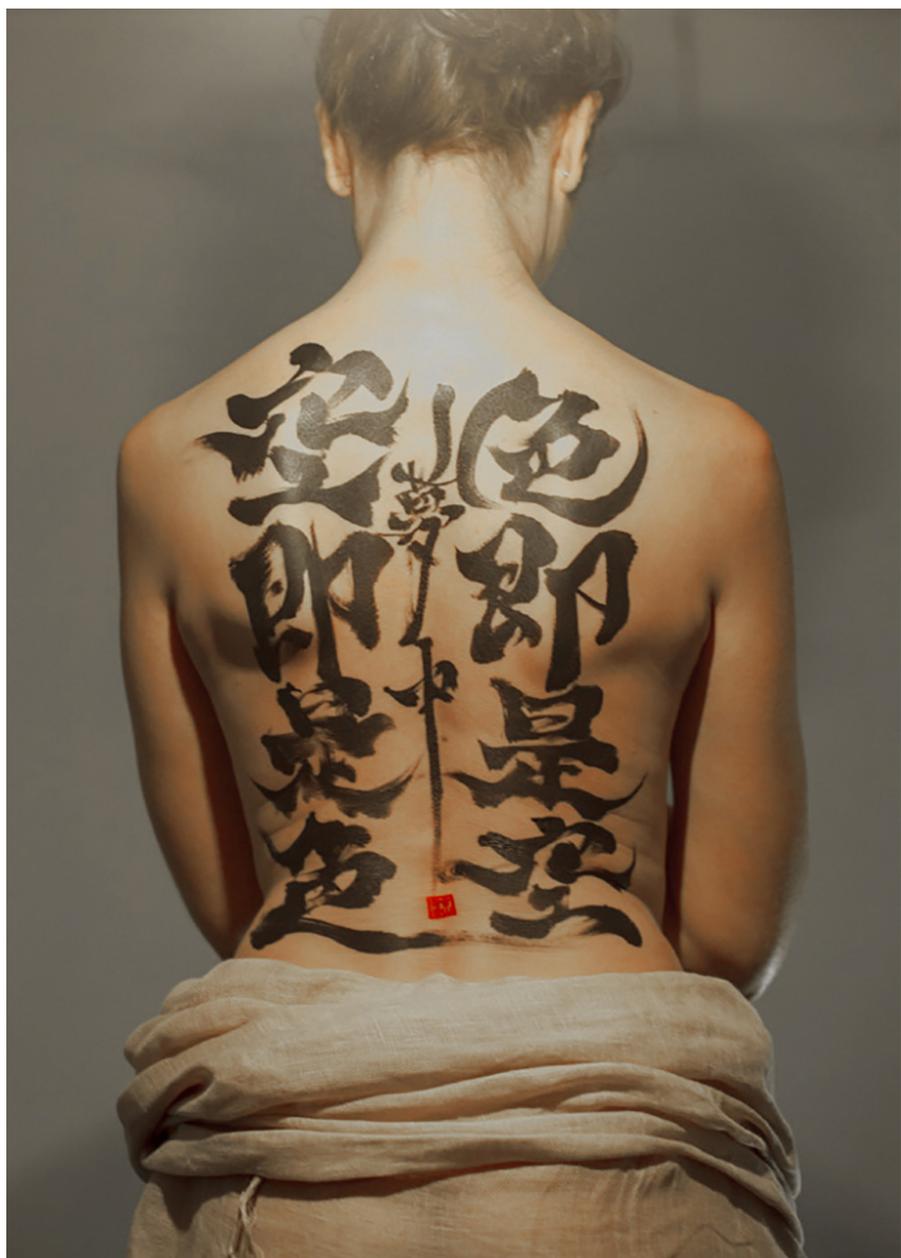
107

Simone Mina

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Convido o calígrafo japonês Soyamax para escrever sobre a presença nas minhas costas. Uma escrita efêmera de nanquim sobre a pele. Abordar os sentidos da pele e do vestir através da escrita num idioma que não é o da minha linguagem matricial. Gravar um código numa língua que se escolhe, a do desenho que deseja ser pintura. Os limites entre fazer do corpo a tela e enunciar a escrita enquanto plataforma discursiva, esgarçam a relação corpo vestido. A roupa invisível entre pele e escrita produz uma possível presença anunciada.

S. M.



Escrita sobre a presença, 2016

Simone Mina

É Professora Universitária; Pesquisadora em Moda e Artes; Cenógrafa e Figurinista; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP. Nas artes visuais, realizou as instalações performativas: Des Fios (SESC/SP, 2013), X-Moradias/H.TELL & Soul (Mannheim|ALE, 2010), "Convite a Hospitalidade ou Exercício de Admiração I", (SESC/SP, 2009), "Corpo-conferência #1 - Concerto silogístico para 13 gatos e um homem" (SESC Pompéia|SP, 2008), "Roupa-Assistida II - Bordados" (SESC Pompéia|SP, 2006), "Roupa-Assistida I" - No ateliê - (Exposição Viés, Galeria Vermelho/SP, 2005) e a série denominada Roupa-Poemas (Casa de Criadores/Semana de Moda -SP, 2004-2001). Participa da 8ª, 9ª e 15ª Quadrienal de Cenografia, Figurino e Arquitetura Cênica da Republica Checa, em Praga, em 1999, 2003 e 2015, representando o Brasil ao lado de outros artistas.

Teresa Almeida

111

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

Sobre pedras e grafias!

Artista do vidro, da luz e da transparência, **Teresa Almeida** mantém – de modo paralelo – o contínuo exercício do desenho. Suas grafias, íntimas e delicadas, contraditoriamente referem-se à densidade das pedras. Pequenas, múltiplas, acumuladas – compondo paisagens secas e austeras, em horizontes recortados, de tão aproximados.

Seus desenhos, geralmente em branco e preto – ou, no máximo, em tons terrosos – incorporam sutil linearismo – leve, até mesmo pálido!

Então, parece definir um processo criativo que age por circularidade. Ao desenhar as pedras, como se fossem micro-paisagens, propõe o esvanecimento da matéria mineral – revelando insistir na apresentação de visualidades frágeis, assim como o vidro, em estado de suspensão!

Suas grafias, de gestualidades que definem contornos e texturas, resultam por configurar, menos por representação e mais por sugestão, a transparência e a luz.

Marcos Rizolli



Teresa Almeida

É artista plástica e professora na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). Possui uma Licenciatura em Artes Plásticas - Pintura da FBAUP. Realizou duas pós graduações Central Saint Martins College of Art and Design, Londres; Mestrado em Arte/Vidro na Universidade de Sunderland, Inglaterra; e ainda Doutoramento em Estudos de Arte na Universidade de Aveiro e Pós-Doutoramento na VICARTE, Unidade de Investigação Vidro e Cerâmica para as Artes da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Integra a Unidade de Investigação VICARTE, onde no momento é a investigadora responsável pelo grupo de investigação "Criatividade e Materiais Contemporâneos". Tem participado em vários congressos internacionais e expõe regularmente.

Thais Amaral

As linhas curvas e orgânicas do corpo feminino apresentam-se vigorosamente em *Esse*; relacionam-se com o fundo de cor amarela intensa como se pudessem ocupá-lo por completo. Os cabelos encaracolados, os seios volumosos, as pernas em pose e os braços descansados compõem uma sinuosidade de formas, enquanto sugerem a força de um corpo que ocupa o espaço do papel.

Entre o sim e o não, um rosto aparece em partes, coberto por algumas mechas cacheadas. Sem olhos, boca ou qualquer confissão, o movimento corporal dá conta de toda a expressividade do torso presente na obra. Tons de terra, rosados e amarelados nos dão a sugestão de uma pele macia, iluminada e ao mesmo tempo marcada pelo tempo, pela vida, pela experiência.

Em *Entre-laços* dois corpos se cruzam e dispendem um peso mútuo; conectam-se, mas não se fundem; relacionam-se como se tornando um só. As linhas dadas pela intersecção entre as pernas permitem que o olhar caminhe através do movimento sugerido pelos corpos. Um fundo vibrante e pespontado de branco elucida o ambiente sutil e fugaz do momento entre aqueles que foram laçados pelo encontro. Os espaços vazios, deixados pelos vãos entre as figuras e o fundo, conversam com a relação anônima que acontece na obra; sem rostos definidos, as pernas e os pés nos convidam à dança, ao abraço, ao toque.

O uso das cores intensas e vibrantes demonstra uma característica marcante da artista em sua poética, bem como a escolha dos materiais usados nesta obra. O gotejar da aquarela e os traços marcantes das linhas a lápis de cor, dialogam em todo trabalho sugerindo que os olhos percorram cada detalhe, sem deixar que nada escape, assim como uma descoberta.



Esse, 2017



Entre-laços, 2017

Thais Amaral

É professora na educação básica; mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; especialista em Linguagens da Arte pela Universidade de São Paulo e Artista Visual. Possui licenciatura em Artes Visuais; é técnica em Design de Interiores. Sua última exposição individual foi Leveza da Sublimação (ARTEQUIM, Grande ABC, SP, 2015) e coletiva de fotografias (Escola Oficina, Santo André, 2015).

Wilton Azevedo

119

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS





Homenagem à Wilton Azevedo

Projeções de algumas narrativas poéticas digitais

Curadoria artística: Rita Varlesi

122

ARTE&LINGUAG
ENSCOMTEMPORANEAS

Wilton Azevedo (1956-2016)

Artista plástico, designer gráfico, poeta e músico. Pós-doutor pela Université Paris VIII Laboratoire de Paragraphe - sob tutoria do Prof. Dr. Phillipe Bootz (2009), Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Autor dos livros *O que é Design* (Editora Brasiliense), *Os Signos do Design* (Editora Global), e dos Cd-rom; “*Interpoesia: Poesia Hipermídia Interativa*”, pioneiro na poesia hipermídia interativa no Brasil, “*Looppoesia: A escritura da mesmice*”, que participou da publicação francesa *ALIRE 12*, do DVD “*Quando Assim Termina O Nunca*”, vídeo poesia, e do Cd “*Inaldível Silábios*” do mesmo álbum com 14 poesias sonoras – este último trabalho foi resultado de uma exposição no Centre George Pompidou em 2004. Fez parte do grupo *Transitoire Observable* e do conselho do *E-Poetry*, festival de poesia digital (2001-2009), *Open Port Chicago Theater Image and sound Performance* (2007), participou da 9ª *Biennale Internationale des Poètes en Val de Marne* (2007), do *Encontro Internacional de Poesia Experimental “Amanda Berenguer”* (2008), é do conselho científico da Université Paris VIII Laboratoire de Paragraphe. Criou o *LHUDI – Laboratório de Humanidades Digitais* da Universidade Presbiteriana Mackenzie no qual desenvolveu e coordenou várias pesquisas. Professor Doutor pesquisador do Programa de pós-graduação *strito sensu* em Educação, Arte e História da Cultura e colaborador do Programa de Pós graduação em Letras, da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORANEAS

124

Pós-escrito

Esta publicação, fruto da exposição coletiva: ARTE E LINGUAGENS CONTEMPORÂNEAS, realizada no MIS - Museu da Imagem e do Som de Campinas, que teve sua abertura oficial no dia 28 de junho de 2017 é o resultado do engajamento de diferentes atores, de várias instituições: Associação Brasileira de Criatividade e Inovação – CRIABRASILIS, Universidade Presbiteriana Mackenzie (Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura – Grupo de Pesquisa Artes e Linguagens Contemporâneas). Honrando o museu com muita boa arte, produzida por artistas que comungam com o título do congresso, pois é visível a capacidade criativa e inovação nos trabalhos expostos.

Como coordenador do espaço, percebo que as exposições coletivas abrem dois caminhos. O primeiro é oportunidade de vários artistas poderem expor seus trabalhos e o segundo é a potência na experiência do público com as obras fomentada pela pluralidade de estilos, formas, cores, poéticas, materiais, suportes, etc.

Esta exposição de arte transformou o MIS em espaço de interação do artista, museu e o espectador. São 54 trabalhos de 27 artistas-pesquisadores que ampliam a relação do museu com a produção de arte contemporânea, pois estamos em uma instituição que salvaguarda a memória da imagem e do som, em um prédio histórico de grande valor patrimonial, tendo sido tombado por três esferas de órgãos de preservação do patrimônio cultural, o IPHAN, o CONDEPHAAT e o CONDEPACC.

125

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORÂNEAS

Cabe ressaltar o cuidado proporcionado pela curadoria artística de Aurelice Vasconcelos, Carolina Vigna e Dângela Nunes Abiorana, que compuseram uma relação do espaço com as obras que propiciaram a fluidez e a relação dialógica do público com os trabalhos dos artistas.

Além de louvar à organização deste material impresso por Marcos Rizolli, Norberto Stori e Regina Lara que garantem nesta publicação a memória daquilo que foi exposto, sendo esta elaboração uma extensão da exposição, uma nova curadoria e o resultado de um belo trabalho coletivo.

Desejo a todos que apreciem esta produção e sejam bem-vindos ao MIS.

Alexandre Sônego de Carvalho
MIS - Museu da Imagem e do Som Campinas

128

ARTE&LINGUAG
ENSCONTEMPORÂNEAS

A Editora **Uva Limão** agradece a todos os envolvidos nesse projeto, com o merecido destaque para:

Alexandre Sônego

Marcos Rizolli

Norberto Stori

Regina Lara

Grupo de estudos Arte & Lingagens
Contemporâneas

Museu da Imagem e do Som Campinas

Universidade Presbiteriana Mackenzie SP

